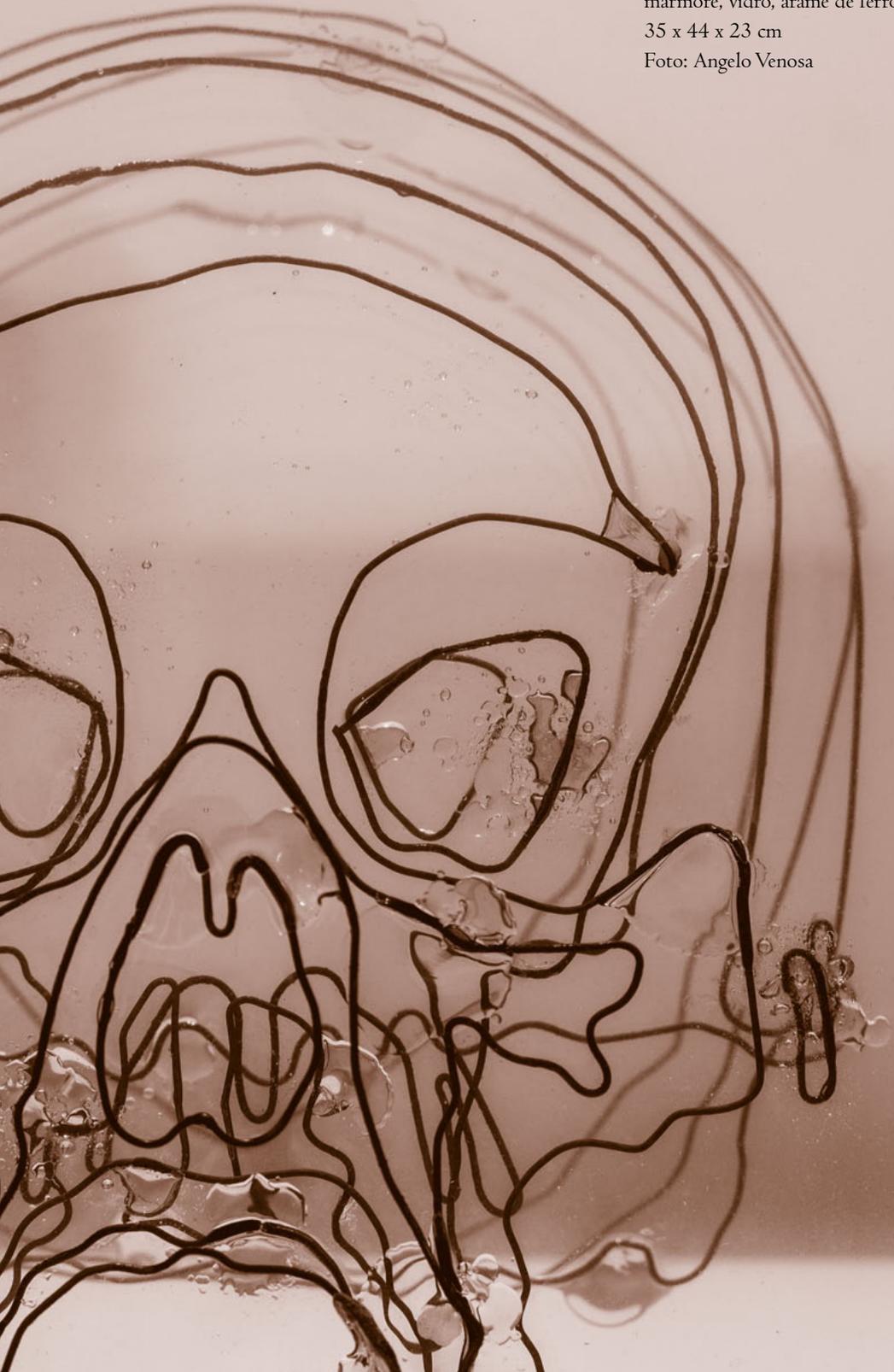


Sem título, 1997
mármore, vidro, arame de ferro e breu
35 x 44 x 23 cm
Foto: Angelo Venosa



Variações sobre Ética e Moral

MIGUEL REALE

Quarto ocupante
da Cadeira I4
na Academia
Brasileira de
Letras.

Um ilustre leitor de meus artigos quinzenais nestas páginas de *O Estado de S. Paulo* sugere-me que esclareça a distinção que existe entre Ética e Moral, cujos conceitos, a seu ver, andam baralhados, com análoga confusão no que se refere ao Direito e à Política, considerados ou não subordinados aos mandamentos éticos.

É natural que isso aconteça na praxe cotidiana, pois Ética e Moral versam sobre ideias intimamente relacionadas, de difícil distinção, como é reconhecido pelos maiores estudiosos do assunto. Também no plano da Filosofia elas não raro se confundem, chegando a ser empregadas como sinônimos, mesmo porque, do ponto de vista etimológico, tanto em grego como no latim, ambas provêm da palavra costume, que indica as diretrizes de conduta a serem seguidas.

Isto não obstante, talvez se possa perceber alguma nota distintiva entre elas, pois a Ética tem por fim determinar os VALORES FUNDANTES do comportamento humano, ao passo que a Moral se referiria mais à posição subjetiva perante esses valores, ou à maneira como eles se apresentam objetivamente como regras ou mandamentos. Sob esse ângulo, a Moral representaria a realização da Ética *in concreto*, em nossa experiência de todos os dias.

Ademais, cabe ponderar que a palavra ética veio, aos poucos, adquirindo sentido genérico, bem mais extenso do que lhe foi atribuído por Aristóteles, o primeiro a estabelecer os fundamentos essenciais dessa matéria.

Parece-me que a questão, atualmente, deve ser posta em novos termos, à vista do que representou no mundo das ideias, a cavaleiro dos séculos XIX e XX, o advento da Teoria dos Valores, ou Axiologia, com a substituição do conceito de BEM, tradicionalmente apontado como finalidade da Ética, pela noção de valor. Foi nos domínios da Economia, a partir de Adam Smith, que esta palavra passou a ter aplicação mais generalizada, sem se esquecer o impacto da expressão “mais-valia” concebida por Karl Marx, com repercussão em todos os campos da Filosofia.

O termo valor, hoje em dia, é como que a palavra-chave de todas as ciências humanas, indicando ALGO QUE DEVE SER em virtude do significado e papel que lhe atribuem as opções ou preferência dos indivíduos e dos grupos sociais.

No meu entender, o valor, como o demonstram as ideias sobre a verdade, a beleza, a utilidade etc., situa-se no “mundo do dever-ser”, que corresponde ao que não pode ser apenas pensados por implicar sempre uma necessária tomada de posição no plano de sua realização. Com efeito, se o que é considerado valioso jamais se realizasse, seria apenas uma ilusão ou quimera, não merecendo um minuto sequer de nossa atenção.

Isto posto, poder-se-ia afirmar que a Ética é a parte da Filosofia que tem por objeto os valores que presidem o comportamento humano em todas as suas expressões existenciais. Daí a sua preeminência em relação à Moral, à Política e ao Direito, os quais corresponderiam a momentos ou formas subordinadas de agir.

Entendem alguns pensadores que os valores éticos fundamentais seriam inatos, ou seja, inerentes à natureza espiritual do ser humano, enquanto que outros os consideram modelos alcançados pela espécie humana ao longo da experiência histórica.

No meu entender, é, efetivamente, essa a origem dos valores primordiais da Ética, firmando-se como conquistas definitivas do processo cultural. A tais valores básicos, reconhecidos em uníssono pelos povos culturalmente mais desenvolvidos, eu dou o nome de invariantes axiológicas. Como se vê, não obstante sua historicidade, há valores que, uma vez atingidos, não mais desaparecem do cenário cultural, a começar pelo valor da pessoa humana, que eu qualifico como valor-fonte dos demais valores.

Não é demais salientar que a Ética pode ser entendida como expressão de ideias dominantes, como a de pessoa ou a de liberdade, ou então ser vista como

o resultado de motivos os mais diversos, como seriam o desejo do prazer ou do útil. Muito embora possa ela ser compreendida sob vários ângulos, o certo é que se põe sempre como uma instância superior, à qual se subsumem a Moral, como teoria das normas de conduta que emergem dos usos e costumes; o Direito, como ciência das relações sociais de natureza bilateral-atributiva; e a Política como ciência e arte do governo dos povos à luz do princípio de cidadania.

Nem se deve esquecer que a experiência moral tem como consequência o dever de moralidade, que não se confunde com o de letalidade, a qual se contenta com a adequação da conduta à norma legal, quando é indispensável, para que haja justiça concreta, que se leve em conta, tanto na Política quanto no Direito, o que emerge de normas morais como exigência de boa-fé, lealdade, correção ou integridade.

Como se vê, estou dando à Ética um sentido lato, de tal modo que – uma vez reconhecidos os valores fundantes do comportamento humano – todos os mortais se subordinem a eles, na vivência da sociedade civil, na qual se pode ter em vista tanto a realização de regras morais, como jurídicas ou políticas, três espécies de normas éticas.

Essa colocação do problema, penso eu, é uma decorrência da compreensão da Ética como a ciência axiológica ou valorativa por excelência, que se vai enriquecendo, anos após anos, de novos valores fundantes, o último dos quais é o ecológico, que, todavia, não pode prevalecer sobre o da pessoa humana e seus imperativos existenciais, o que é esquecido por certos ecologistas com grave dano para a coletividade.

É claro que essa inserção das ciências humanas no quadro geral da ética só é possível se ela for conceituada, não como ciência formal de caráter puramente deontológico, do dever pelo dever, mas sim como uma teoria material de valores, a exemplo do que foi feito por Max Scheler e Nicolai Hartmann e é sustentado por todos os culturalistas que não contrapõem a cultura à natureza, vendo-as antes como entidades harmônicas e complementares.

Em conclusão, mais do que alcançar uma distinção perfeita entre Ética e Moral, o que importa é a compreensão integral e unitária das ciências humanas, sendo os valores éticos fundantes os elementos formadores do horizonte espiritual, em cujo âmbito se desenvolve a existência humana concebida, consoante Jackson de Figueiredo, como a oportunidade única que temos de aperfeiçoarmo-nos.

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Cleonice Serôa da Motta Berardinelli
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Helio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Marco Lucchesi
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hípólito da Costa	Sílvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Luiz Paulo Horta
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Geraldo Holanda Cavalcanti
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Néli da Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Merval Pereira
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompeia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT



